



GUIA DE ORIENTAÇÃO E APOIO
PARA OS PROFESSORES NA

INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Capacitismo, quando você conhece
e combate, a inclusão acontece e o
mundo se transforma.



Rita de Cássia Petronilho Barbosa

Rita de Cássia Petronilho Barbosa

DIÁLOGOS NECESSÁRIOS NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTICAPACITISTA

Instituição de Ensino: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba

Programa: Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica

Nível: mestrado profissional

Área de Concentração: ensino profissional e tecnológico

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica - Práticas Educativas no Currículo Integrado

Título: Diálogos Necessários na Construção da Educação Anticapacitista

Autor: Rita de Cássia Petronilho Barbosa

Orientador: Prof. Dr. Natalino da Silva de Oliveira

Produto Educacional: Guia de Orientação e Apoio para Professores na Inclusão de Pessoas com Deficiência

Disponibilizado em pdf

Nível de Ensino: ensino médio integrado e tecnológico

Área de Conhecimento: áreas interdisciplinares

Temas: áreas interdisciplinares

Descrição do Produto Educacional: Este manual tem objetivo visibilizar as pessoas com deficiência no âmbito educacional, por meio de propostas informativas e indicações de conteúdos que possibilitam professores e professoras a entenderem sobre as deficiências e promover uma educação anticapacitista.

Publicação Associada: Diálogos Necessários na Educação Anticapacitista na Promoção da Inclusão de Alunos e Alunas nos Cursos Técnicos Integrados do IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
INTRODUÇÃO	8
LEGISLAÇÕES	15
CAPACITISMO	17
POR UMA EDUCAÇÃO ANTICAPACITISTA	21
APRENDER UM POUCO MAIS...	23
ACESSIBILIDADE EM LIBRAS	27
REFERÊNCIAS	28



REINVENÇÃO

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...

Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada. [...]

Cecília Meireles

APRESENTAÇÃO

CONVITE À LEITURA

Ao dar início à escrita deste produto educacional, considero que seja importante a minha apresentação para você leitor. Acredito que isso possa dar consciência e explicar a minha posição no mundo e autoria desse material.

Eu, Rita, tenho uma deficiência física e uso cadeira de rodas desde de 1987. Sou professora, ativista, estou como presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência em Juiz de Fora e assessora para políticas para as pessoas com deficiência na prefeitura da mesma cidade. Ao longo do meu processo de aprendizagem e de busca pelo meu protagonismo como uma mulher com deficiência, tive a Educação como uma grande alavanca para o fortalecimento da luta por equidade e justiça social, além do compartilhamento de saberes. Conhecimentos que se abriram para mim como um grande leque, diversas possibilidades e de me fazer presentes nos enfrentamentos necessários, no combate contra todo tipo de preconceito e discriminação. Desde de 1987 o capacitismo me rodeia tanto de forma explícita como velada. Entendo que o normal precisa acabar! A diversidade humana precisa ser reconhecida e respeitada.

Diante disso, o objetivo deste produto educacional é fornecer aos professores e professoras do IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba informações sobre a deficiência e promover uma educação anticapacitista, cumprindo a Lei 13.146/2015, proporcionando a construção de saberes para serem aplicados em sala de aula na perspectiva de promover a inclusão. Sem querer ser um guia com propostas únicas, compreende-se que este trabalho é um diálogo aberto, sincero com professores e professoras, na busca de construir novos olhares, despertar novos conceitos, para deixar nascer uma docência renovada, democrática e anticapacitista e, em consequência, permitir que os discentes com deficiência sejam afetados pelo respeito às diferenças, pela inclusão, além de despertá-los na luta por uma sociedade mais justa.

Nesse sentido, esse guia é um instrumento que deve contribuir para reverberar outras atitudes que venham efetivar as determinações da LBI, no seu Art. II - Da Igualdade e da Não Discriminação. As práticas anticapacitistas propostas aqui apresentadas são uma pequena parte de muito do que se pode fazer para combater o capacitismo tão presente nas nossas ações, discursos e nos espaços.

Impossível retratar nesse guia tudo que está relacionado a ele, toda sua consequência perversa na vida da pessoa com deficiência desde os primórdio da humanidade. Dessa forma, trazemos conceitos importantes para serem refletidos numa proposta de

mudanças de paradigmas da pessoa com deficiência no IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba. Para isso, procurou-se, na legislação brasileira, conceitos fundamentais, diálogo com diversos autores, sobre o capacitismo e a forma de combatê-lo. Enfim, a educação precisa ser ponte e não obstáculo para a pessoa com deficiência e sem deficiência. Em seguida, diz respeito ao capacitismo, apesar do termo ser recente, ele é antigo na sociedade. Conhecer é fundamental para mexer na estrutura da sociedade que coloca as pessoas com deficiência numa posição inferior às demais.

Enfim, a necessidade de combater o capacitismo para construir uma sociedade justa, democrática, humanizada e equitativa. Entende-se a necessidade de identificá-lo em nós e na sociedade como um preconceito estrutural. Para complementar, relacionaram-se diversos livros e filmes, para estimular aqueles que em contato com esse material, a busquem a encontrar em bibliotecas, internet, produções sobre o tema. Assim, desejo que esse guia possa ajudar docentes e discentes a derrubarem todas as barreiras que atrapalham a inclusão das pessoas com deficiência nos mais diversos espaços da sociedade.

A AUTORA



INTRODUÇÃO

SITUANDO A COMPREENSÃO DA DEFICIÊNCIA

Na busca por uma socialização dos corpos, foram construídas diversas compreensões a respeito da deficiência. Desde o entendimento como tragédia pessoal, passando pelas práticas biomédicas de correção de desvios, até a ruptura que considera contextos sociais responsáveis pela experiência da deficiência.

Nesse sentido, o modelo biomédico traz uma visão tradicional da deficiência que a coloca de maneira individualizada e propicia os processos de medicalização (Shakespeare, 2006), representando os corpos a partir das dimensões anatômicas e fisiológicas (Breton, 2013). Essa abordagem acabou levando a deficiência para o caminho da patologização, em que a deficiência é compreendida como doença que carece de cura. Caso os corpos desviantes não fossem adequados pelo poder normalizador, as pessoas com deficiência não poderiam ter sua participação social assegurada (Diniz, 2007).

Na década de 1970, no contexto da Inglaterra, o modelo biomédico da deficiência foi alvo de críticas desenvolvidas por meio de forte engajamento político e ativismo do movimento de pessoas com deficiência, que se fortaleceu contra os processos de institucionalização. Teóricos com deficiência física deram origem ao que ficou conhecido como Disability Studies.

Esse movimento contribuiu para a com-

preensão da deficiência pautada no modelo social, que trazia a deficiência a partir de um entendimento de construção social e não apenas médica. A deficiência não era mais vista somente por um viés individual, mas também político e cultural. Esse discurso foi fundamental para trazer a concepção de deficiência como opressão social (Barnes, Oliver e Barton, 2002).

Dentro do modelo social, a deficiência é compreendida como resultado das limitações e estruturas do corpo, mas também da influência de fatores sociais e ambientais do meio no qual está inserida. O movimento que deu início à construção do modelo social da deficiência foi muito importante para trazer a compreensão de deficiência a partir da interação dos corpos com as barreiras sociais. Os percussores desse debate ficaram conhecidos como a 1ª geração do modelo social. Essa geração discutia deficiência a partir do materialismo histórico. Nessa nova abordagem, utiliza-se como ferramenta a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF/OMS), no âmbito da avaliação biopsicossocial.

SITUANDO A COMPREENSÃO DA DEFICIÊNCIA

A deficiência é um conceito em evolução que resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. Esse conceito explicita que a deficiência não está na pessoa, mas é resultado da interação dessa pessoa com o ambiente no qual convive. Assim, quanto menos acessibilidade, mais se agrava a deficiência.

Pessoa com Deficiência na Lei 13.146/15- Lei Brasileira de Inclusão

São aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

POR QUE USAR A TERMINOLOGIA CORRETA?

Usar a terminologia correta é importante quando abordamos assuntos carregados de preconceitos, estigmas e estereótipos, como é o caso das deficiências que, aproximadamente 14,5% da população brasileira possuem.

A descrição da deficiência está presente desde a Constituição Federal de 1934, quando constavam os termos, “**inválido**”, “**incapacitado**”, “**aleijado**”, “**defeituoso**” e “**desvalido**”. Em 1937, surgiu o termo “**excepcional**”; e, em 1978, foi usado, pela primeira vez, o termo “**pessoa deficiente**”, que permaneceu por 10 anos, uma vez que, em 1988, foi adotado o termo “**portadores de deficiência**”; e assim foi até 1993. Em 1994, surgiu o termo “**pessoa**

com necessidades especiais” e a sigla (PNE). Entretanto, só em 2009, é que tivemos a mudança para o termo vigente e orientado pela ONU, ou seja, “**pessoa com deficiência**”, conforme explica (RIBEIRO, 2016).

Ressaltamos que a deficiência não define a pessoa, mas é apenas uma parte de sua identidade. Utilizar a terminologia correta demonstra respeito, inclusão e sensibilidade em relação às pessoas com deficiência. Além disso, é sempre recomendável perguntar à própria pessoa como ela prefere ser identificada, respeitando suas preferências individuais.

BREVE DEMONSTRAÇÃO DO PERCURSO TERMINOLÓGICO BRASILEIRO:



1934

“Inválido”, “aleijado”,
“incapacitado”, “defeituoso”
ou “desvalido”;

1937

Os termos anteriores são substituídos por “**excepcional**”;

1978

Surge o termo “**deficiente**” e,
pela primeira vez, ele é associado a pessoa;

1988-93

Surge o termo “**portador de deficiência**”;

1994

Surge o termo “**pessoa com necessidade especiais**”;

2009

Chegamos ao atual “**pessoa com deficiência**”.

NOMENCLATURA

A Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), a partir da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotou a expressão pessoa com deficiência.

SUBSTITUA OS TERMOS

NÃO USE ✘	USE ✔
Inválido, excepcional, doente, portador, especial, defeituoso, condenado	Pessoa com deficiência
Mongolóide, mongol	Pessoa com Síndrome de Down
Criança excepcional	Criança com deficiência intelectual, criança com deficiência mental
Pessoa normal	Pessoa sem deficiência
Ceguinha(o)	Pessoa com deficiência visual ou cega
Retardado mental, portador de retardamento mental, deficiente mental	Pessoa com deficiência intelectual
Necessidades especiais	Necessidades específicas
Cadeirante	Usuário de cadeira de rodas
Surdo-mudo	Deficiente auditivo ou surdo

PRINCIPAIS BARREIRAS QUE PRECISAM SER ELIMINADAS

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146), as barreiras constituem qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros.

1

BARREIRAS ATITUDINAIS:

preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações que marginalizam e excluem as pessoas com deficiência;



Descrição da imagem: desenho de casal sentado na mesa do restaurante. Mulher sentada na cadeira de rodas. O homem olha o cardápio, o garçom sorri para a mulher e coloca a mão em sua cabeça. Ele pergunta: vai papá né?

2

BARREIRAS ARQUITETÔNICAS:

presentes em edifícios públicos e privados.



Descrição da imagem: desenho de homem na cadeira de rodas apontando o dedo indicador para escola que tem uma escada na entrada. Outro homem sentado na escada de cabeça baixa, pensa na cadeira de rodas, pontos de interrogação e exclamação.

3

BARREIRAS NAS COMUNICAÇÕES E NA INFORMAÇÃO:

referem-se a qualquer obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impeça a transmissão ou recebimento de mensagens e informações por meio de sistemas de comunicação e tecnologia da informação.



Descrição da imagem: desenho de professor em pé, atrás da mesa. Ele usa óculos, tem bigode e é calvo. Professor fala: hoje é prova oral. O aluno surdo olha para o professor, abre as mãos pensativo.

4**BARREIRAS
METODOLÓGICAS:**

métodos e técnicas pedagógicas de estudo, de trabalho, de ação comunitária e de educação não formal, que impedem a pessoa com deficiência ou necessidade educacional específica de aprender;



Descrição da imagem: desenho de turma de alunos e professor na sala de aula. Turma com cego e surdo. Professor está de costas para a turma, escreve na lousa: prova é amanhã, veja bem, ouça e olhe. Alunos surdo e cego ficam sem entender.

5**BARREIRAS
TECNOLÓGICAS:**

aquelas que dificultam ou impedem o acesso de pessoas com deficiência às tecnologias.



Descrição da imagem: Desenho de homem cego sentado no sofá em frente a televisão ligada. Televisão anuncia venda de uma bela obra de arte e pede ao telespectador: "olhe para esta obra de arte, veja que designer arrojado, lindo! ficou interessado? Ligue para fone que está na tela!".

6**BARREIRAS
NOS TRANSPORTES:**

as existentes nos sistemas e meios de transportes.



Descrição da imagem: desenho de homem na cadeira de rodas em frente ao ônibus. No ônibus está escrito viação para todos, número 174. O homem na cadeira de rodas fica olhando sem poder entrar porque tem escada.

Fonte das imagens: FERRAZ, Ricardo. Visão e revisão, conceito e preconceito. 2000.

ACESSIBILIDADE

É a qualidade do que é acessível, que tem acesso fácil. Refere-se à possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (LEI nº 13.146/15)

TIPOS DE ACESSIBILIDADE:

1) Acessibilidade atitudinal: refere-se à ausência de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações, em relação às pessoas em geral.

2) Acessibilidade arquitetônica: ocorre quando os espaços não impõem à pessoa com deficiência barreiras ambientais, físicas nas residências, nos edifícios, nos espaços urbanos, nos equipamentos urbanos.

3) Acessibilidade comunicacional: há quando a comunicação ocorre sem obstáculos, seja ela interpessoal (face a face, língua de sinais), por meio da escrita (jornal, revista, livro, carta, apostila, etc., incluindo textos em braile, uso do computador portátil) e virtual (acessibilidade digital).

4) Acessibilidade instrumental: existe quando não há barreiras nos instrumentos, utensílios e ferramentas de estudo (escolar), de trabalho (profissional), de lazer e recreação (comunitária, turística, esportiva, etc.).

5) Acessibilidade metodológica: ocorre quando não há barreiras nos métodos e nas técnicas de estudo (escolar), de trabalho (profissional), de ação comunitária (social, cultural, artística, etc.), de educação dos filhos (familiar).

6) Acessibilidade programática: quando há o objetivo de eliminar barreiras existentes em leis, portarias, decretos, regulamentos e normas que impedem o acesso à informação, conhecimento e aplicação de ações e políticas públicas que promovam a inclusão de estudantes com deficiência.

LEGISLAÇÕES

São avanços fundamentais na inclusão da Pessoa com Deficiência.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, é a lei maior direcionada a assegurar a dignidade humana, assegurando desta forma, bem estar físico, moral e social a todos os indivíduos, assegurando, ainda seus direitos perante a sociedade e que vive, bem como o poder público.

Lei de Cotas para Pessoa com Deficiência, oficialmente chamada de Lei de Cotas (art. 93 da Lei nº 8.213/91), estabelece que empresas com cem ou mais empregados devem preencher uma parte dos seus cargos com pessoas com deficiência.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. No Capítulo V Da Educação Especial Art. 58º, entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

Lei nº 13.146, de 1995, conhecida também como LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO, foi sancionada em 06 de Julho de 2015, após ter sido apresentada como Projeto de Lei nº 6, de 2003 . É um instrumento para amplo debate com os diferentes setores da sociedade envolvidos com a causa das pessoas com deficiência e, portanto, da cidadania.

Os gregos, criaram o termo “estigma” para se referirem a sinais corporais, procurando destacar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo o quais demonstravam ser um escravo, um criminoso ou traidor, uma pessoa marcada, poluída, que devia ser segregada, principalmente em lugares públicos. Na Era Cristã, foram acrescentadas as metáforas a sinais corporais de graça divina e a alusão médica.

Dessa forma, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais e estabelecem as categorias de pessoas que podem estar nos ambientes sociais.

“Querida Senhorita Lonelyhearts,

Tenho 16 anos e não sei como agir. Gostaria muito que a senhora me aconselhasse. Quando eu era criança não era muito ruim porque me acostumei com os meninos do quarteirão que caçoavam de mim, mas agora eu gostaria de ter namorados como as outras meninas e sair nas noites de sábado, mas nenhum rapaz sairá comigo porque nasci sem nariz - embora eu dance bem, tenha um tipo bonito e meu pai me compre lindas roupas.

Passo o dia inteiro sentada, me olhando e chorando. Tenho um grande buraco no meio do meu rosto que: amedronta as pessoas e a mim mesma, e não posso, portanto, culpar os rapazes por não quererem sair comigo. Minha mãe me ama muito, mas chora muito quando olha para mim.

Que fiz eu para merecer um destino tão terrível? Mesmo que eu tivesse feito algumas coisas ruins, não as fiz antes de ter um ano de idade, e eu nasci assim. Perguntei a papai e ele disse que não sabe, mas que pode ser que eu tenha feito algo no outro mundo, antes de nascer, ou que eu esteja sendo punida pelos pecados dele. Não acredito nisto porque ele é um homem muito bom.

Devo me suicidar?

Sinceramente,
Desesperada.”

Extraído de Miss Lonelyhearts, de Nathanael West, pp. 14-15.

Copyright 1962 por New Directions.

Reimpressra por permissão de New Directions, Publishers.

N. do T. - Corações Solitários.

CAPACITISMO

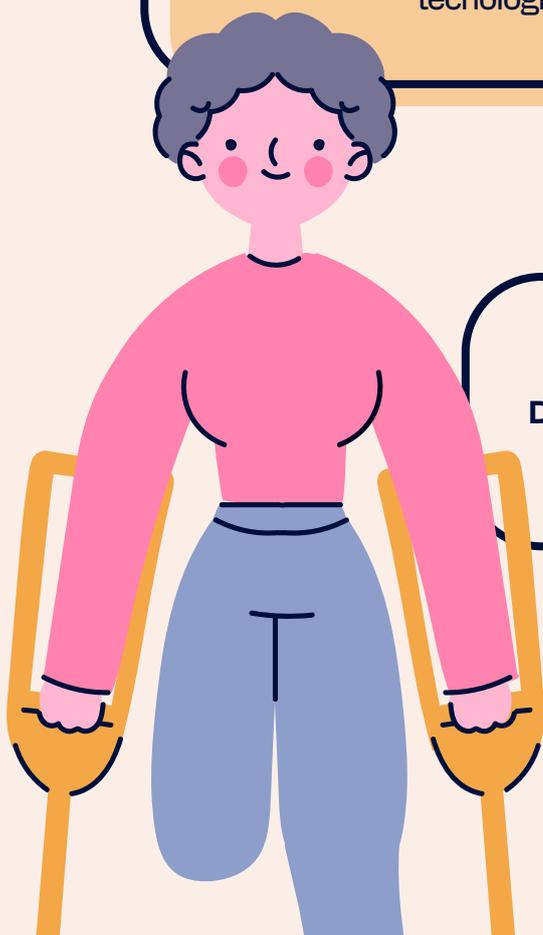
O QUE É O CAPACITISMO?

“Capacitismo” é um termo recente no vocabulário em português, porém sua prática é antiga e impactante para as pessoas com deficiência, pois questiona sua capacidade de participação e desempenho em diferentes esferas da vida social.

O capacitismo reproduz crenças, processos e práticas que normatizam um certo padrão corporal como perfeito, sem considerar a corporeidade de todas as pessoas (Campbell, 2001).

CAPACITISMO É QUALQUER TIPO DE DISCRIMINAÇÃO CONTRA UMA PESSOA EM FUNÇÃO DA DEFICIÊNCIA, QUE PODE SER DEFINIDA COMO:

... toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas. (lei 13146, 2015, art 4§1º)



PRATICAR, INDUZIR OU INCITAR DISCRIMINAÇÃO DE PESSOA EM RAZÃO DE SUA DEFICIÊNCIA: PENA - RECLUSÃO, DE 1 A 3 ANOS E MULTA. (ART. 88, LBI)

O CAPACITISMO É ESTRUTURAL E ESTRUTURANTE DAS RELAÇÕES SOCIAIS

As barreiras à participação são naturalizadas e seguem despercebidas. Como todos os preconceitos estruturais, ou você é parte do problema ou da solução. As pessoas precisam reduzir barreiras à participação para combater o capacitismo.

O capacitismo resulta em exclusão, sofrimento e pode se manifestar por:

- Falta de interesse em estudar as condições desiguais e desumanas impostas a essas pessoas.
- Falta de acessibilidade dos conteúdos informacionais produzidos.
- Excluir essas pessoas como beneficiárias das ações universais.
- Pressupor incapacidade.
- Reproduzir mitos e estigmas.
- Falta de práticas que contemplem a diversidade humana.
- Não reconhecer as características e necessidades das pessoas com deficiência.

TIPOS DE CAPACITISMO

1) Capacitismo institucional: é uma forma de discriminação que se manifesta pela reprodução de discursos que reforçam concepções de passividade, de opressão, de invisibilização.

2) Capacitismo recreativo: refere-se àquelas brincadeiras de mau gosto, envolvendo deficiências com o objetivo de “divertir as pessoas”.

3) Capacitismo médico: refere-se ao uso equivocado de palavras como “doença” e “doente” para se referir à deficiência ou à pessoa com deficiência. O capacitismo médico, trata as pessoas com deficiência como doentes.

COMO O CAPACITISMO SE MANIFESTA NO DIA A DIA?

São muitas as formas nas quais capacitismo se manifesta, nem sempre como ofensa, mas aparecer em um olhar de pena, em pergunta invasiva e até mesmo na tentativa de um elogio ou comentário sem intenção de ofender. Sendo que apresenta-se também na infantilização, ao julgar as pessoas com deficiência como incapazes e ao criar barreiras que as impeçam de exercer atividades de maneira independente. Dessa forma, quando tratamos as pessoas com deficiência como se fossem “heróis” ou “anjos”, estamos sendo capacitistas. Quando ajudamos a pessoa com deficiência sem sua permissão, também é capacitismo.

EXEMPLOS DE EXPRESSÕES CAPACITISTAS:

“ESTOU CEGO DE RAIVA”

“MAIS PERDIDO QUE CEGO EM TIROTEIO”

“MUDINHO/ CEGUINHO”

“SERÁ QUE SEUS FILHOS VÃO NASCER NORMAIS?”

“DAR UMA MANCADA”

“NÃO TEMOS BRAÇO PARA FAZER TUDO ISSO”

“FINGIR DEMÊNCIA”

“APESAR DE TER UMA DEFICIÊNCIA, VOCÊ PARECE FELIZ”

“ESTAR CEGO/ SURDO?”

“DAR UMA DE JOÃO SEM BRAÇO”

“PARA DE SER RETARDADO”

“NEM PARECE QUE VOCÊ É UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA”

“SEU PROBLEMA NÃO TEM CURA?”

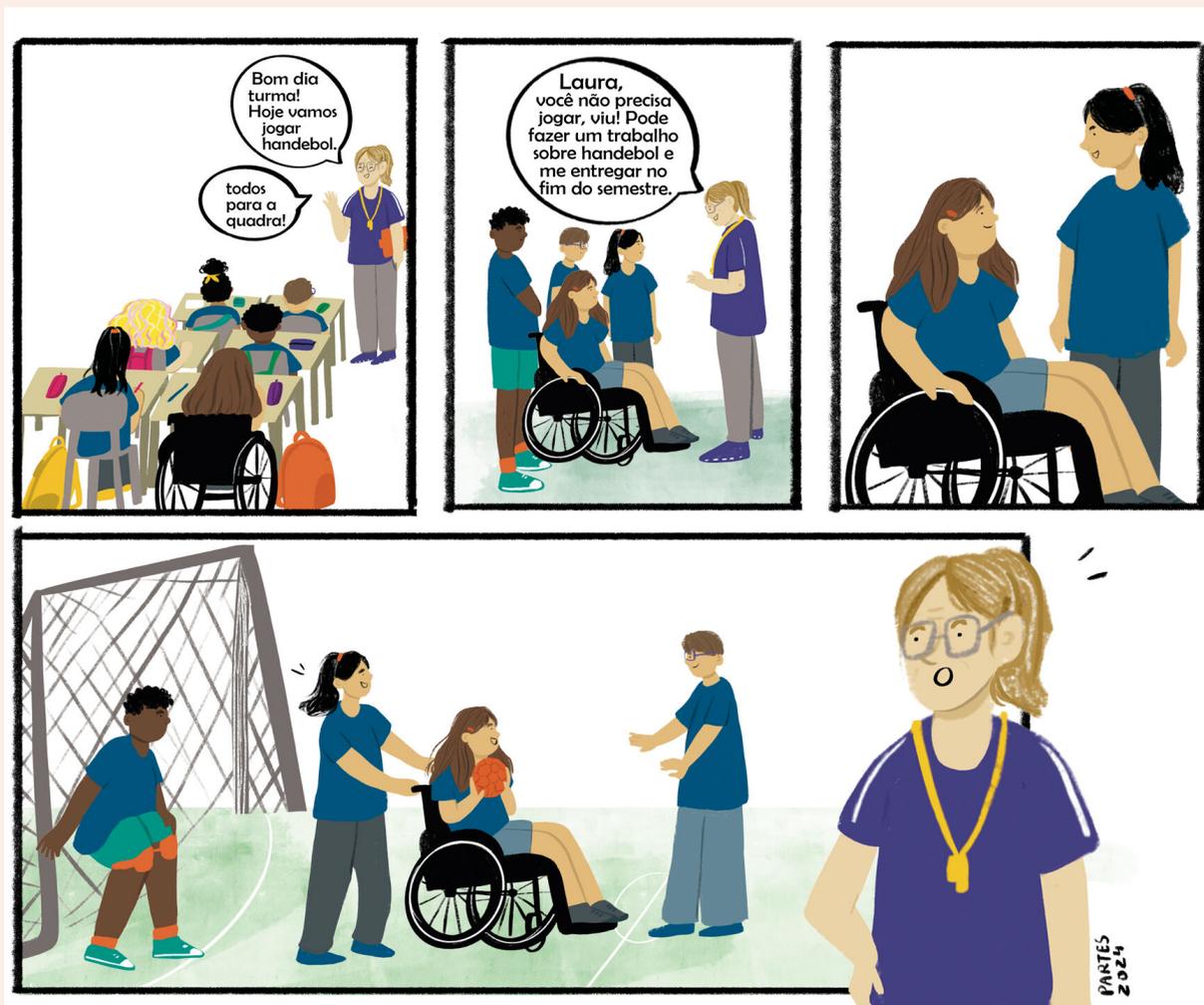
“PENSEI QUE VOCÊ ERA NORMAL”

“A GENTE SÓ RECEBE O FARDADO QUE CONSEGUE CARREGAR”

“VOCÊ NÃO TEM CARA DE AUTISTA”

CAPACITISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

Ocorre desde a negativa de matrícula (crime previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de 2015), devido a crença de que existem estudantes que estão mais aptos ou que são mais capazes de serem escolarizados do que outros, ou quando o professor tende a limitar o acesso ao currículo por presumir que o estudante com deficiência não será capaz de entendê-lo.



Fonte: SANTOS, Paloma- Ilustradora-artista visual- 7.1.acessibilidade criativa. <https://lnkd.in/dpJN346s> acesso em 30/07/24.

Descrição da imagem: desenho de homem na cadeira de rodas em frente ao ônibus. No ônibus está escrito viação para todos, número 174. O homem na cadeira de rodas fica olhando sem poder entrar porque tem escada.

POR UMA EDUCAÇÃO ANTICAPACITISTA

Ao longo das últimas décadas, as pessoas com deficiência reivindicaram por direitos de forma contundente, resultando em importantes avanços nos direitos e nas políticas públicas. Direito de estudar em escola regular e nas universidades, direito ao trabalho, direito ao acesso à saúde, direitos reprodutivos, dentre outros.

O grande desafio do século XXI é educar para aquilo que não tivemos a oportunidade de aprender: a educação anticapacitista.

POR UMA EDUCAÇÃO ANTICAPACITISTA:

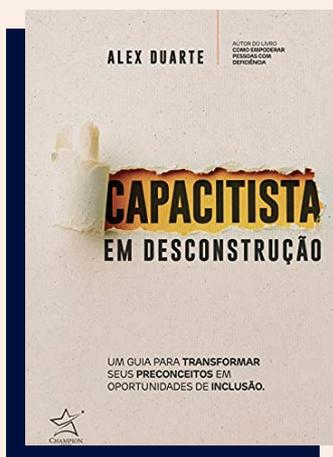
- Esteja aberto a novas formas de aprender e ensinar, aprender juntos.
- Escolas Inclusivas são imprescindíveis.
- Estabeleça interações e convívio com as pessoas com deficiência.
- Não silencie diante situações discriminatórias, importante educar sobre limites que não são negociáveis.
- Seja ético diante das mudanças da realidade, a partir dos princípios da equidade e justiça.
- Provoque a reflexão crítica e política sobre a experiência da convivência.
- Estimule a reflexão mais ampla sobre o modo e condições de vida das pessoas com deficiência.
- Ajude a compreender a singularidade humana, sem julgamentos ou estratégias de inferiorização.
- Proporcione a convivência, permita afetar e ser afetado.

- Busque por espaços comuns para construir sentido de comunidade.
- Estimule a ética do cuidado - bem-estar de que cuida e de quem é cuidado. Compromisso coletivo.
- Diversifique as fontes de conhecimento. Sempre que possível, busque por materiais feitos com a participação de pessoas com deficiência e não apenas sobre elas.
- Acolhe o desconhecido, o anônimo, o rotulado, receba sua língua, seu corpo, sua experiência sem enclausurá-lo em interpretações fechadas.
- Proporciona a reflexão e a vivência da deficiência a partir das perspectivas da equidade e justiça social.
- Esteja disponível ao outro, receba quem for.

Todas as pessoas se beneficiam ao colocarmos em prática ações anticapacitistas.



APRENDER UM POUCO MAIS...



A leitura é um convite para uma mudança; algumas cenas duras, difíceis de ler e imaginar, independentemente do lado em que você esteja. Porém, acontecimentos reais e que precisam ser escancarados e debatidos, para que você tome consciência dos seus preconceitos e seja capaz de encarar a desconstrução. Se você deseja realizar significativas melhorias como ser humano ou se está pronto para uma grande revisão educacional, empresarial e social, a obra *Capacitista em Desconstrução* vai lhe preparar para um futuro acessível, transformando seus preconceitos em oportunidades de inclusão.

Neste livro, Victor Di Marco, que é uma pessoa com deficiência, faz um breve apanhado de palavras e de situações que você tem que saber acerca do tema. Unindo conceitos junto de suas memórias, Victor explora até onde o mito do capacitismo adentra na vida de uma pessoa com deficiência e busca achar em si respostas que por tanto tempo foram apagadas.



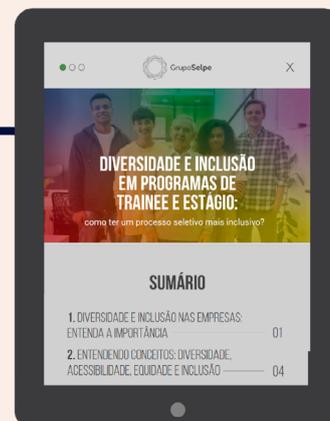


E-BOOK GRATUITO

Diversidade, acessibilidade e inclusão: Entenda os conceitos e as diferenças entre eles.

E-BOOK GRATUITO

Diversidade e inclusão em programas de Trainee e Estágio: como ter um processo seletivo mais inclusivo?



SUMÁRIO	
1. DIVERSIDADE E INCLUSÃO NAS EMPRESAS: ENTENDA A IMPORTÂNCIA	01
2. ENTENDENDO CONCEITOS: DIVERSIDADE, ACESSIBILIDADE, EQUIDADE E INCLUSÃO	04



▶ YOUTUBE

O ESCAFANDRO E A BORBOLETA (2007)

Jean-Dominique Bauby (Mathieu Amalric) é editor da revista Elle e um apaixonado pela vida, mas aos 43 anos, sofre um derrame cerebral que o deixa paralisado e dependente. Vinte dias depois, ele acorda ainda lúcido, mas se sente frustrado ao perceber que sofre de uma rara paralisia: o único movimento que lhe resta no corpo é o do olho esquerdo. Bauby se recusa a aceitar seu destino. Com isso, Jean-Dominique aprende a se comunicar piscando letras do alfabeto, forma palavras, frases e até parágrafos com ajuda de suas enfermeiras. Por meio de sua imaginação, cria um mundo próprio e escreve um livro de memórias.

SPECIAL [2 TEMPORADAS] (2019 – 2021)

Título que não podia faltar nessa lista de séries e filmes sobre inclusão, Special é uma série escrita, produzida e estrelada por Ryan O'Connell. A comédia acompanha um jovem gay com paralisia cerebral, que após contar uma mentira no trabalho decide que é hora de mudar de vida, tornando-se independente e buscando uma vida amorosa.



▶ NETFLIX



▶ YOUTUBE

FEELING THROUGH (2021)

Feeling Through acompanha o jovem Tareek enquanto ele caminha pelas ruas de Nova Iorque depois de uma festa. No caminho, o rapaz encontra um homem cego e surdo com uma placa pedindo ajuda para atravessar a rua. Os dois acabam passando parte da noite juntos e criando uma inesperada amizade.

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO (2014)

Leonardo (interpretado por Guilherme Lobo), um adolescente cego, tenta lidar com a mãe superprotetora ao mesmo tempo em que busca sua independência em um tradicional colégio do Rio de Janeiro. Com algumas dificuldades de aceitação pela turma, Leo encontra apoio em um estudante novo na cidade, Gabriel (Fabio Audi) e novos sentimentos começam a surgir entre os dois, fazendo com que ambos descubram mais sobre si mesmos e sobre suas sexualidades. O filme sobre deficiência visual aborda duas importantes pautas, a inclusão e a homossexualidade, evidenciando a importância de construir relações com respeito, apoio e diálogo.



▶ NETFLIX

ACESSIBILIDADE EM LIBRAS



**ACESSE AQUI A
TRASCRIÇÃO DA
CARTILHA PARA
LIBRAS.**

REFERÊNCIAS

BARNES, Colin; OLIVER, Mike; BARTON, Len (ed.). Disability studies today Cambridge: Polity Press, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 07 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 16 julho 2024.

BRETON, David le. A antropologia do corpo e modernidade Tradução: Fábio Santos Creder Lopes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAMPBELL, Fiona. Contours of Ableism. Londres: Palgrave Macmillan London, 2001.

DIAS, Adriana. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social. Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência SEDPCD/ Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013.

DINIZ, Débora. O que é deficiência São Paulo: Brasiliense, 2007.

RIBEIRO, Thiago Helton Miranda. Termos adequados: Primeiro a pessoa e depois a Deficiência. Online. 2016. Disponível em: <<https://thiagohelton.jusbrasil.com.br/artigos/437759554/termos-adequados-primeiro-apessoa-e-depois-a-deficiencia>> Acessado em mar.2024.

SASSAKI, R. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010, 180p.

SILVA, Maria Isabel da. Por que a terminologia “pessoas com deficiência”? Universidade Federal Fluminense. Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Sensibiliza – UFF, 2009.

SHAKESPEARE, Tom. Disability rights and wrongs New York: Routledge, 2006.